



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E
DIVERSIDADE
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS
CDSA SUMÉ-PB**

ANTEMILDO GREGÓRIO DE SOUZA

**AS CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE
PRODUTORES DE CASTANHAS DE CAJU EM SERRA BRANCA/PB**

**SUMÉ-PB
2013**

ANTEMILDO GREGÓRIO DE SOUZA



**AS CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE
PRODUTORES DE CASTANHAS DE CAJU EM SERRA BRANCA/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para obtenção do título de Especialização.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda

UFCC-BIBLIOTECA



S729c Souza, Antemildo Gregório de.

As características da economia solidária na Associação de Produtores de castanhas de caju em Serra Branca-PB. / Antemildo Gregório de Souza. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

50 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda.

Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária do Semiárido Paraibano.

1. Economia Popular Solidária. 2. Desenvolvimento Local. 3. Emancipação Social. I. Título.

UFCCG/BS

CDU: 37:334.73(043.1)

ANTEMILDO GREGÓRIO DE SOUZA

**AS CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE
PRODUTORES DE CASTANHAS DE CAJU EM SERRA BRANCA/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para obtenção do título de Especialização.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda
Orientadora (CDSA/UFCG)



Prof. Ms. Luiz Antonio Coelho da Silva –
Examinador (CDSA/UFCG)



Prof. Ms. Alex Bruno M. F do Nascimento –
Examinador (CDSA/UFCG)

Nota Final (Média)

Nota (__, __)

Aprovado em: ____/____/____.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo donativo maior que é a vida e pela sua existência e direcionamentos no meu viver. Obrigado Senhor! Por ter tornado possível a realização desta tarefa, nesta infundável jornada educativa e por me dar a Sua sabedoria para seguir o que é correto para mim e para o meu próximo. Reconheço que sem Ti, grandioso Deus, nada sei, nada faço, nada conquisto, nada sou e nada posso, pois a verdadeira sabedoria é dada por Ti, já que a sabedoria genuína não vem das ideias nem das filosofias humanas, todavia é oferecida por Deus. A Tua palavra nos diz em Tiago 1:5 “Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada.” E em Colossenses 2:8 assim está escrito: “Tendo cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”.

À minha esposa, Rosinete Pereira; ao meu filho Abrahão; aos meus pais, Antônio Gregório e Josefa Sales e às minhas irmãs Adriana Gregório e Alcione Gregório, os quais são as pessoas mais importantes da minha vida, já que sem elas nada disto teria sido possível, devido serem as “molas-mestras” da minha vida e terem compartilhado comigo a expectativa desta realização.

Aos professores da UFCG que ministraram aulas deste Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária, em especial, a minha Orientadora Maria da Conceição Gomes de Miranda e a Coordenadora deste curso Mérgia Ribeiro, pois todos eles contribuíram diretamente para à minha aprendizagem.

A todos os colegas do Curso pelo agradabilíssimo convívio e trocas de conhecimentos.

A todas as pessoas do Sítio Duas Serras, município de Serra Branca/PB, por ter colaborado com as pesquisas em sua associação na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju.

Por fim, quero manifestar meus francos agradecimentos a todos aqueles que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.



DEDICATÓRIA

Ao meu Deus onipotente, onisciente e onipresente que em todos os momentos me deu força e sabedoria para eu trilhar em busca dos rumos e metas por mim escolhidos.

À minha esposa Rosinete pelas forças e compreensão nos momentos difíceis desta jornada e ao meu amado filho Abrahão: que é uma herança a me dada pelo Senhor Jesus Cristo.

Aos meus pais, Antônio Gregório e Josefa Sales, que me criaram segundo está escrito em Provérbios. 22.6 e Deuteronômio 6.6,7: "Instrui o menino no caminho em que deve andar, até quando envelhecer não se desviará dele", pela boa formação como cidadão, pelo amor, conselhos, exemplos de total integridade, estímulo e apoio em todos os momentos bons e maus desta caminhada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as características da Economia Solidária presentes na Associação de produtores de Castanhas de Caju na comunidade de Duas Serras, município de Serra Branca – PB, enquanto os objetivos específicos são: Conhecer a aplicabilidade da autogestão na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju em Serra Branca/PB; Verificar na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju a viabilidade para a cooperação e o desenvolvimento local; Identificar como a Economia produzida pela Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju tem gerado Solidariedade e Emancipação Social de seus associados e observar se os bens produzidos na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju têm uma boa viabilidade econômica. Portanto, observando se a autogestão, a solidariedade, a dimensão econômica e a cooperação existencial naquela comunidade tem se apresentado como alternativas de mudanças para garantir a sobrevivência das famílias locais diante da exclusão capitalista da atualidade. Visto que aquela associação tem prestado serviços, resolvido problemas sociais, desenvolvido potenciais local e transformado a comunidade. A estrutura deste estudo foi qualitativa, descritiva, com entrevista aplicada para a amostra de 09 (nove) associados (as), bem como observação direta e conversas informais. No que se refere aos tratamentos dos dados, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1997). Como resultados, encontramos as características da Economia Solidária: cooperação, solidariedade, autogestão e viabilidade econômica sendo consideravelmente bem definidas e praticadas pelos membros da Associação Comunitária do Sítio Duas Serras – Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju. Consequentemente, as sobras (lucros) adquiridas pelos membros daquela unidade tem lhes dado uma melhor condição de vida. Neste aspecto, percebemos que já existe um desenvolvimento local naquela comunidade. Para tanto, percebemos que este trabalho é suma importância nos aspectos social e acadêmico. No social, porque se faz necessário que mudemos as formas de produção e de consumo tendo em vista que necessitamos de práticas sustentáveis; no sentido acadêmico, pois tivemos a certeza de que é possível um novo tipo de Economia baseada na igualdade e no respeito ao próximo. Certamente aprendemos estes conceitos solidários, cabendo-nos agora pô-los em prática, para que assim possamos ter um desenvolvimento local, uma emancipação social e uma sociedade menos injusta.

Palavras-chave: Economia Popular Solidária. Desenvolvimento Local. Emancipação Social.

ABSTRACT

This paper aims at identifying and analyzing the characteristics present in the Solidarity Economy Association of producers of Cashew Nuts in the community of Two Saws , municipality of Serra Branca - PB , while the specific objectives are : To know the applicability of self-management in the Unit Beneficiadora Cashew Nuts in Sierra White / PB ; Check Unit Beneficiadora Cashew Nuts viability for cooperation and local development ; Identify how Economics Unit produces Beneficiadora Cashew Nuts has generated Solidarity and Social Emancipation of its members and observe whether the goods produced in the Unit Beneficiadora Cashew Nuts are a good economic viability . Therefore, observing the self-management, solidarity, and cooperation existential economic dimension in that community has been presented as alternatives changes to ensure the survival of local families facing exclusion capitalist today. Since that association has provided services, solved social problems, potential site developed and transformed the community. The structure of this study was qualitative, descriptive; a structured questionnaire applied to the sample of nine (09) members (as) as well as direct observation and informal conversations. With regard to treatment of the data, use the analysis of Bardin (1997). As a result, we find the characteristics of the Solidarity Economy: cooperation, solidarity, self-management and economic viability are pretty well defined and practiced by members of the Community Association Site Two Saws - Processing Unit Cashew Nuts. Consequently, the leftovers (profits) acquired by members of that unit has given them a better life. In this respect, we realize that there is already a local development in that community. For this, we realize that this work is very important in the social and academic. In social because it is necessary that we change the ways of production and consumption with a view that we need sustainable practices, in the academic sense because we were sure that it is possible a new type of economy based on equality and respect for others. Certainly learned these concepts in solidarity, leaving us now put them into practice, so that we can have a local development, social emancipation and a less unjust society.

Keywords: Popular Solidarity Economy. Local Development. Social Emancipation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CATALISA – Rede de Cooperação para a Sustentabilidade
COPAGEL – (Empresa de Cópias e Impressões LTDA)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EC – Economia Capitalista
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ES – Economia Solidária
GESAC – Governo Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
PB – Paraíba
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Faixa etária dos participantes da pesquisa	28
Quadro 2 – Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa	29
Quadro 3 – A naturalidade dos participantes da pesquisa	29
Quadro 4 – As profissões dos participantes da pesquisa	30
Quadro 5 – A participação em cursos de formação	31
Quadro 6 – O funcionamento da gestão da associação	33
Quadro 7 – A produção e a venda dos bens produzidos	34
Quadro 8 – A definição de Autogestão na visão dos associados	38
Quadro 9 – O desenvolvimento local na visão dos associados	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O DESENVOLVIMENTO LOCAL E A EMANCIPAÇÃO SOCIAL	12
3 METODOLOGIA: POR ONDE DIRECIONAMOS O NOSSO TRABALHO PARA CHEGARMOS AOS NOSSOS OBJETIVOS DE ESTUDO	21
3.1 TIPOS DE PESQUISA	21
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO – UNIDADE DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHA DE CAJU	23
3.3 A UNIDADE DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHA DE CAJU: SUA HISTÓRIA E SEUS ASSOCIADOS PARTICIPANTES DA PESQUISA ...	26
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS RESULTADOS DA PESQUISA	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A – ENTREVISTA DIRIGIDA AOS ASSOCIADOS DA UNIDADE BENEFICIADORA DE CASTANHA DE CAJU	49
APÊNDICE B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	50

1 INTRODUÇÃO

Diante das exclusões sociais existentes na atual sociedade capitalista as associações têm se apresentado como uma solução de enfrentamento às desigualdades para a promoção do desenvolvimento local. Partindo disso, o nosso problema de pesquisa será observar quais as características da Economia Solidária presentes na Associação de Produtores de Castanhas de Caju em Serra Branca/PB. Especificando a Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju, visto que nessa mesma associação funcionam outras unidades de beneficiamentos. Associação esta, que fica localizada no Sítio Duas Serras.

Para tanto, decidimos o nosso objetivo geral como: identificar e analisar as características da Economia Solidária presentes na Associação de Produtores de Castanhas de Caju em Serra Branca/PB.

Para que este objetivo geral fosse possível ser aplicado, elencamos alguns objetivos específicos, tais como: Conhecer a aplicabilidade da autogestão na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju em Serra Branca/PB; Verificar na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju a viabilidade para a cooperação e o desenvolvimento local; Identificar como a Economia produzida pela Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju tem gerado Solidariedade e Emancipação Social de seus associados; Observar se os bens produzidos na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju têm uma boa viabilidade econômica.

No tocante a escolha do tema para este trabalho, o nosso interesse em pesquisar tal temática, enquanto munícipe, adveio de inquietações no que concerne a existência de associações comunitárias no município de Serra Branca/PB. Percebíamos que havia, em municípios vizinhos, associações organizadas as quais buscavam objetivos comuns para um melhor desenvolvimento econômico de suas localidades. No entanto, no referido município, não tínhamos o conhecimento sobre a existência de associações comunitárias, bem como estudos sobre estas práticas de funcionamentos associativos.

Enquanto pesquisador é de suma importância que analisemos, em especial e primeiramente a comunidade na qual estamos inseridos, como o ser humano está conservando o meio ambiente diante das necessidades para sua própria existência, visto que no mundo atual para que seja praticada qualquer atividade humana carece da utilização dos recursos naturais. Por outro lado, o ser humano não é possível viver sem consumir, mas é imprescindível saber consumir de maneira sustentável. É tanto que Mattar (2008) destaca que está sendo necessário um mundo que tenha três qualidades: ser economicamente viável, ambientalmente sustentável e socialmente justo.

Portanto, cabe-nos refletir sobre as práticas desse modelo econômico-solidário, pois Singer (2002) diz que “a única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a”.

Já enquanto aluno concluinte do Curso de Especialização em EJA com Ênfase em Economia Solidária faz-se necessário observarmos como os princípios da cooperação, da autogestão, da solidariedade, do desenvolvimento local e da emancipação social estão ocorrendo e sendo tratados em nosso meio. Visto que, são imprescindíveis para termos uma comunidade menos injusta. Por outro lado, para que reconheçamos às necessidades dessas novas práticas educacionais as quais enfatizam as “questões ambientais” é preciso que sejamos reflexivos, críticos, desejosos de mudanças para todos, sabedores de direitos e deveres, capazes de buscar melhorias aos nossos semelhantes e formadores de nossa própria história. Portanto, sermos “alfabetizados no sentido do letramento” como destacava Freire (1993).

O nosso trabalho de pesquisa está estruturado em 03 capítulos. No primeiro, tratamos de apresentar a Economia Solidária e suas devidas características como sendo uma economia mais igualitária.

No segundo, por onde direcionamos o nosso trabalho para conseguirmos os nossos objetivos de estudo? Destacamos a metodologia, o tipo de pesquisa qualitativa; a caracterização da associação estudada; conhecimento da história da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Duas Serras e das pessoas que participaram da nossa pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos os dados e suas respectivas análises.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O DESENVOLVIMENTO LOCAL E A EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Neste capítulo abordaremos as definições citadas, compreendidas e analisadas no percurso de nossa pesquisa. Tais como: O que é Economia Solidária? Quais suas características fundamentais? O que é desenvolvimento local e emancipação social?

Diante das muitas definições que há para Economia Solidária enfatizaremos que o termo Economia Solidária surgiu no Brasil em meados dos anos 1990, através das idéias de Paul Singer: doutor em desenvolvimento econômico e principal especialista da Economia Solidária no Brasil.

De acordo com Singer (2002) a “Economia Solidária é uma iniciativa para se alcançar o sonho histórico da criação de uma sociedade livre, menos desigual e sem pobreza”. Assim sendo, este referido autor aponta a Economia Solidária como uma saída para se buscar uma sociedade mais humana, igualitária, na qual as pessoas sejam valorizadas, em especial, no seu meio de produção.

Em se tratando e fazendo uma relação com o que diz Singer (2002) quanto a busca de uma sociedade menos desigual, Arruda (2001) nos destaca a Economia Solidária como uma oportunidade de se viver em uma sociedade globalizada, entretanto com sentidos de humanização, novos costumes e um maior “afastamento das correntes capitalistas”. Desta maneira nos fala Arruda (2001):

A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida (ARRUDA, 2001).

Fazendo-nos por assim entender que a Economia Solidária não tem como objetivo, e nem seria possível extinguir o Capitalismo, é tanto que Singer opina que seria bom que os sistemas convivessem harmoniosamente.

Já para Tiriba (2001, p. 87): “A Economia Solidária é o conjunto de atividades econômicas e práticas sociais desenvolvidas pelos setores populares, no sentido de garantir a reprodução ampliada da vida”. Conforme a Lia Tiriba, a Economia Solidária vai além do simples termo (juntar bens), pois é preciso se pensar e efetuar determinadas práticas sociais,

para que de fato possa ocorrer a solidariedade, pois segundo a Lia Tiriba o foco de uma nova forma de produzir é a busca da “solidariedade”, porque a economia já existe, e por sinal muito forte, na visão capitalista.

Outra definição interessante é a de Nuñez (1997) quando este espanhol nos diz que: “a Economia Solidária não necessita esperar pela tomada do poder político para que os avanços aconteçam – ela mesma é parte da tomada do poder político [...]”. Compreendemos dois pontos interessantes com a citação deste Dr. Em Economia Política pela Universidade de Paris. O primeiro, é que a Economia Solidária não precisa “destruir” a economia capitalista para que possa existir. O segundo ponto, é que a Economia Solidária só pode existir mais amplamente, se forem postas em práticas novas formas de pensar nos sentidos: humano, social, político, econômico, ecológico e sustentável.

Partimos do pressuposto que a Economia Solidária tem como princípio fundamental a busca de uma transformação social, faz-se necessário percebermos as seguintes características fundamentais da Economia Solidária: a autogestão, a cooperação, a solidariedade e a dimensão econômica. Tendo em vista que a partir das práticas destas mencionadas características centrais da Economia Solidária, podemos observar um desenvolvimento local e conseqüentemente uma emancipação social.

Nas palavras de Singer (2002), a autogestão é a essencial das características de uma Economia Solidária, pois é a que mais se diferencia do sistema capitalista. Para Singer, a cooperação, a viabilidade econômica e até a solidariedade, embora na visão de “ajuda” (ajude-me para que eu possa te ajudar e lucrarmos juntos), mas todas estas características podem ser encontradas na economia capitalista, porém a autogestão é própria da Economia Solidária. A autogestão é uma característica tão particular da Economia Solidária, que é indicada também por Motta (2001), como aquela que pode denunciar as alienações trazidas ou ocasionadas pelo sistema capitalista moderno.

Neste sentido Motta (2001) ressalta: “Enquanto as ideologias do poder procuram ocultar as múltiplas alienações do homem moderno, a proposta autogestionária surge como denúncia, como possibilidade real e radical de transformação social”. Este referido autor nos alerta para uma questão muito importante: as idéias capitalistas só poderão atuar quando não houver a autogestão. É a autogestão que possui uma possibilidade concreta para a ocorrência de uma transformação social.

Outra contribuição a esse respeito, que solidifica ainda mais a idéia que não há uma Economia Solidária efetiva, sem a autogestão, é dada pelo Ministério do Trabalho e do

Emprego (MTE, 2004), o qual reafirma que não há Economia Solidária sem autogestão e nem há autogestão sem a Economia Solidária, ambas se complementam.

Percebemos que na Associação de Duas Serras – enfatizando a Unidade de Beneficiamento – há uma autogestão, pois não se tem a imagem de “patrão” e os sócios têm igualdades nas escolhas, nas opiniões, na administração e nas condições oferecidas para se conseguir um desenvolvimento local e coletivo.

Desta maneira, a associação – a Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju – está sendo a alternativa para se buscar uma sociedade mais igualitária, visando um desenvolvimento local, bem como dos associados, assim como uma alternativa para se chegar cada vez mais a uma transformação social.

Nesse caso, o associativismo – representado no nosso trabalho pela Unidade de Beneficiamento – está conforme diz a Rede de Cooperação para a Sustentabilidade (CATALISA) como sendo “um conjunto de iniciativas inspiradas por novos valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação de capital.” Notamos claramente a satisfação daqueles sítiantes por fazerem parte da Unidade Beneficiadora. Alegando sempre que foi a partir desta associação que tiveram uma vida melhor: tanto no sentido de buscarem seus direitos sociais; quanto na vida em sua comunidade (Sítio Duas Serras), porque conseguiram um orelhão, barragens, poços tubulares, outras unidades de beneficiamentos, além de aumentar sua renda financeira.

A autora Rossi (2008) faz uma boa relação com esta questão que acabamos de comentar sobre as conquistas, tanto particulares quanto grupais, que ocorreram na comunidade que pesquisamos quando a referida autora (2008) diz que: “Tratar de cooperativismo é tratar de cooperação, é tratar da natureza das relações que os homens estabelecem entre si para alcançar um objetivo comum”.

A cooperação que é a segunda característica da Economia Solidária por nós tratada, desde sua etimologia significa “trabalhar juntos”. Este trabalhar em conjunto deve ser muito bem entendido e praticado, pois quando este trabalho busca objetivos comuns e o bem estar de todos, como é destacado por Rossi, certamente esta cooperação está indo contrária aos preceitos capitalistas que são: o individualismo e o lucro.

Para Rossi (2008) a cooperação deve ser entendida como uma solução contra a problemática social, mediante uma sociedade tão desigual, individualista e que pensa “apenas” nos lucros. A cooperação deve ser entendida conforme o dito popular: “a união faz a força”. Havendo cooperação, existem maiores possibilidades para as resoluções dos problemas sociais, pois há a soma de contribuições dos membros.

Esta “força e esta união” existindo iremos ter uma sociedade cooperativa que é defendida por Pereira (2003, p. 7) como sendo uma “[...] sociedade de pessoas, com forma e natureza próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos seus associados”. Assim sendo, conforme a mencionada autora a cooperação é tão fundamental para um grupo de pessoas que almejam conquistas coletivas, que quando ocorre de fato este “querer total”, a falência não ocorrerá.

Conforme observamos a Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju, há uma cooperação devida. Todos aqueles sócios buscam objetivos e desenvolvimento coletivos. Esta coletividade que é enfatizada também pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, quando este órgão federal destaca: Cooperação como a “existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária”.

Mostrando-nos que a cooperação além da partilha igual de tudo que se conquista, deve haver também uma responsabilidade solidária.

Quando tratamos na questão de solidariedade, imaginamos a princípio o conceito de “querer ajudar a alguém que está com alguma dificuldade, seja alimentar, financeira...”, entretanto para Tiriba (2001, p. 93) a concepção de solidariedade que deve haver na Economia Solidária não é esta. Para a Lia Tiriba a solidariedade deve ser uma característica indispensável para a Economia Solidária, assim deve ser entendida como algo que se “necessita, carece, não pode faltar num processo de trabalho. Desta maneira nos diz Tiriba (2001):

A solidariedade somente pode se tornar um valor real na medida em que ela se incorpore na própria organização do trabalho. Assim, o objetivo da educação popular não é que os trabalhadores associados apenas assimilem, de forma abstrata, os pressupostos filosóficos e políticos de uma nova cultura do trabalho ou de uma economia que se pretenda solidária (TIRIBA, 2001, p. 93).

A mencionada autora enfatiza que a solidariedade só será entendida no sentido de uma necessidade na Economia Solidária, se ela (solidariedade) estiver incorporada na organização do trabalho. Daí, Tiriba (2001) relaciona a solidariedade com a importância da educação popular. Fazendo-nos entender que: para que se entenda a solidariedade dentro do processo trabalhista, é preciso que os trabalhadores sejam levados a pensar, refletir, analisar criticamente e pensar com sua própria mente – como destacava o Paulo Freire na Educação Popular – e não apenas assimilem as idéias do que vem a ser solidariedade, porque se os trabalhadores apenas assimilarem o sentido de solidariedade e não praticá-lo dentro do seu

trabalho, nada valerá para sua vida e não será de fato praticada (solidariedade), porque o trabalhador dará sempre importâncias ao seu trabalho, seja ele solidário ou não.

Razeto (1993) vem complementar e deixar bem esclarecida esta questão da solidariedade (somente no sentido de se “ter bondade para ajudar ao outro”) quando diz: “Sabe-se que nenhuma economia se torna solidária apenas porque homens e mulheres se tornam “bons” ou “conscientes”, mas fundamentalmente quando o trabalho se torna a categoria que orienta todo o processo de trabalho”.

Em outras palavras Razeto (1993) diz-nos que a solidariedade só será praticada se estiver dentro do processo de trabalho. Significando assim, uma maneira de empenho particular, mas com esta minha doação, crescemos todos nós, constituintes de um grupo.

Mas ainda na discussão sobre a solidariedade, a qual é a terceira característica da Economia Solidária elencada neste trabalho, o Ministério do Trabalho e do Emprego (2004) vem nos acrescentar que a solidariedade existencial na Economia Solidária deve atender ainda algumas dimensões, para que assim possa ser nomeada “solidariedade”. Tais como:

Na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras (BRASIL, 2004).

Conforme este órgão federal a solidariedade é entendida no sentido amplo, como nos desperta Tiriba (2001). Ela, (solidariedade), precisa atender a uma distribuição justa; oferecer e trazer melhorias de vida a população; ter compromissos com um meio ambiente sustentável (local regional e global), e saudável; ter responsabilidade com o bem estar dos produtores e dos consumidores; e valorizar os direitos humanos.

Durante o período de pesquisa na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju no Sítio Duas Serras, percebemos que os membros praticam a solidariedade, porque as distribuições são iguais para todos: dos bens adquiridos e das atribuições dentro da Unidade; nas condições que cada um tem para se desenvolver; nas preocupações com o bem estar dos próprios trabalhadores e dos consumidores de seus produtos; e no respeito aos direitos de cada um deles. Cada qual sabe o que tem que fazer e em qual momento. Ajudam-se para o crescimento próprio e proporcionalmente do seu trabalho.

Inegavelmente, vivemos em uma sociedade capitalista e consumista. É bem verdade que podemos pensar num capital e num consumo menos “destrutivos”, entretanto, necessitamos de ambos para sobreviver conforme nossas realidades. Assim sendo, seja na Economia capitalista ou na Economia Solidária, faz-se necessário a viabilidade econômica.

De acordo com Cruz (2004): seja na Economia Solidária ou na Economia Capitalista, faz-se necessário que os bens produzidos sejam aceitos no mercado, para que a partir da venda/distribuição os grupos associativos possam ter determinadas rendas e tenham possibilidades de continuarem o processo produtivo. Tendo em vista que, sendo lucro, na visão capitalista, ou sobra na visão solidária, é impossível produzir sem haver uma boa viabilidade econômica, porque os sócios necessitam de rendas (sobras) financeiras para seus próprios sustentos; dos seus dependentes familiares e para continuar o processo de trabalho:

A viabilidade econômica – também é consensual que as iniciativas devem viabilizar-se economicamente, garantindo trabalho e renda para seus partícipes, e que isto – por enquanto, pelo menos – se faz em meio às regras do mercado capitalista, inapelavelmente (CRUZ, 2004).

Para Cruz (2004), a viabilidade econômica é indispensável para qualquer modelo de economia, pois ela é que vai dar sustentos financeiros para que haja continuidade no processo de trabalho.

Em conformidade com a nossa pesquisa, percebemos claramente esta importância da viabilidade na Unidade de Beneficiamento que pesquisamos, pois com a venda dos produtos, há as sobras (denominadas de lucro no sistema capitalista), uma parte é retirada para cada membro que participou no processo do trabalho; outra parte é para pagar as despesas adquiridas durante a produção e o restante deve ser depositado numa conta bancária da Unidade Beneficiadora para “alimentar o capital de giro”, porque é com ele (capital de giro) que novas matérias-primas serão adquiridas para continuar o processo de trabalho.

Diante de tantas opressões e desigualdades causadas pelo capitalismo, a Economia Solidária se apresenta como uma saída para amenizar as irregularidades existentes na sociedade.

À medida que há uma economia baseada no respeito ao outro e na busca por objetivos comuns, pode haver um desenvolvimento local.

Coelho da Silva e Fernandes da Costa (2006) destacam que:

A palavra local, não se refere a pequeno, diminuição ou redução, mas sim a conotação de alvo socioterritorial das ações, e passa assim, a ser retrodefinido como a abrangência do processo de desenvolvimento em curso, em geral, quando nesse processo é planejado (SILVA; COSTA, 2006).

Por assim dizerem que em se tratando de desenvolvimento local, o local não significa algo demarcado, repartido, desligado do território, entretanto é uma forma de dizer ou representar uma determinada área que se destaca entre as demais de seu círculo de vizinhança, pois para que o “local” se desenvolva, ele precisa do território, do amplo.

Tendo em vista que “desenvolvimento” para Coelho da Silva e Fernandes da Costa (2006) deve atender a três aspectos: humano, social e sustentável. Já que segundo estes dois autores, o desenvolvimento humano acontece quando há melhorias na vida das pessoas; o desenvolvimento social quando há melhorias na vida de todas as pessoas e o desenvolvimento sustentável, quando há melhorias de vida das pessoas que estão vivas hoje e das que viverão amanhã.

O primeiro faz parte da ação de cada pessoa. É necessário, porque o desenvolvimento só será útil e verdadeiro se atender às demandas humanas partindo do local para o global.

O segundo processo diz respeito ao social, pois com um desenvolvimento humano, o social pode e deve também avançar.

O terceiro refere-se ao sustentável, tendo em vista que os desenvolvimentos humano e social só serão capazes de existir se baseados no sustentável.

Cabendo-nos assim, desenvolver-se primeiro enquanto pessoa pra depois ter possibilidades de ascender socialmente, e finalmente, pensar e planejar o presente com o futuro, que o desenvolvimento sustentável.

Relacionando-se com esta visão de Silva e Costa (2006) sobre o desenvolvimento local atender os setores: humano, o social e o sustentável, Franco (2001, p. 85) chama-o de desenvolvimento local integrado e sustentável o qual objetiva não somente proporcionar o mínimo, o básico para as famílias locais, pelo contrário, busca melhoramentos na habitação, no saneamento, na educação, na mortalidade, no estado nutricional, no emprego e na renda.

Entretanto de acordo com este mesmo Franco (2001, p. 25) é necessário que os sócios comunitários sejam bem críticos e reflexivos com suas ações. Saibam de fato o que desejam e quais suas possibilidades de desenvolvimentos locais, se não o “local” acaba sendo tomado, encoberto, “engolido” pelo global. Assim, nos diz: “Em um processo globalizado o local é vítima, por assim dizer, de dinâmicas globais sobre as quais não pode ter nenhum controle, mas em contrapartida, também pode influir nessa dinâmica [...]”. Mostrando-nos que é imprescindível conhecer o meio no qual cada comunitário está inserido.

Nesta concepção de Franco (2001, p. 25), dá-nos a entender que o desenvolvimento local é muito difícil de ocorrer verdadeiramente, porque para que realmente aconteça deve ser

capaz de sobreviver às tendências capitalistas ou ser capaz de sobreviver com estas tendências.

Já de acordo com o SEBRAE o desenvolvimento territorial ou local é o primeiro passo para se buscar a emancipação social. Para isso, é preciso se identificar quais os pontos fortes presentes na localidade que podem ser aproveitados de maneira igualitária, sustentável e econômica. Assim nos define desenvolvimento territorial:

É a identificação dos seus pontos fortes e vocações econômicas para elaborar uma estratégia de desenvolvimento local que contribua para tornar a região mais competitiva. A abordagem territorial pode ser adotada tanto em grandes territórios como em pequenas comunidades (SEBRAE, 20??).

Assim sendo, havendo de fato, um desenvolvimento local é possível existir uma emancipação social, porque quando “o local” possui possibilidades próprias de desenvolvimento, este local terá também, forças para crescer, libertar-se dos “laços ideológicos do capitalismo exacerbado”. Baseado na individualidade, na produção e no lucro sem levar em consideração nenhuma condição (física, social, econômica...) do trabalhador.

Quando o local consegue se desenvolver, conseguirá também uma emancipação social. Esta “emancipação”, para Cattani (2003), foi

um termo que durante séculos, foi usado para se referir a situações individuais ou de pequenos grupos”. Devido esta palavra (emancipação) ter origem do latim *emancipare*, composto por “*ex*”, que significa: fora de, não mais...; e *mancipium*, que significa escravo, indivíduo dependente (CATTANI, 2003, p. 130).

Assim sendo, para Cattani (2003) e conforme os preceitos da Economia Solidária, o termo emancipação está significando “liberdade concedida, adquirida ou conquistada”. Tendo em vista que para este mesmo autor: “a emancipação social se manifesta nas lutas contra as normas arbitrárias, as hierarquias opressoras e promotoras da discriminação e da desigualdade.

Portanto, emancipar-se, na presente análise de Cattani, significa livrar-se do poder exercido por outros, ascender à maioria de consciência, capacidade de conhecer e reconhecer as normas sociais e morais. Neste sentido, emancipação social vincula-se a autonomia individual ou coletiva.

Nas ideias de Thiollent (2006) é o contrário de dependência, submissão, alienação, opressão, dominação, falta de perspectiva. Sugere um sujeito coletivo capaz de atuar com autonomia e liberdade e não concessão de quem quer que seja.

Já para Adams (2010, p. 45) o horizonte da emancipação social “é a vida libertada na sua integralidade”. A qual só pode ser impedida pelas relações capitalistas de trabalho.

Adams faz-nos lembrar que não podemos ser libertos em parte. Ou somos libertos completamente ou não podemos ser considerados seres emancipados.

Portanto, a Economia Solidária quando realmente surge, desenvolve-se e impera numa sociedade, pode trazer um desenvolvimento local e este desenvolvimento local trará uma emancipação social.

3 METODOLOGIA: POR ONDE DIRECIONAMOS O NOSSO TRABALHO PARA CHEGARMOS AOS NOSSOS OBJETIVOS DE ESTUDO

Segundo Fonseca (2002) a metodologia “é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Utilizamos a pesquisa do tipo descritiva, da qual Triviños (1987) destaca que a mesma exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Em relação aos meios de investigação, dirigimo-nos primeiramente à pesquisa bibliográfica, porque buscamos conceitos, conhecimentos e opiniões em livros, revistas, artigos e sites, de vários autores relacionados aos temas propostos. Em seguida fomos observar diretamente no local.

Segundo Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Desta forma, a pesquisa bibliográfica serve-nos como ponto para fundamentar nossos conceitos conforme o que observamos no campo de pesquisa.

O estudo de caso caracterizou-se porque estudamos uma entidade bem definida, uma unidade social (a Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju) “visando conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico” como diz Gil (2007, p. 54).

Nossa pesquisa é classificada como pesquisa de campo, tendo o questionário e a observação direta como principais instrumentos, pois observamos desde a localização do sítio Duas Serras, clima, habitantes, até o desenvolvimento da Associação Comunitária, com enfoque a produção de castanha de caju e seus derivados. O local escolhido foi a Unidade de Beneficiamento da Castanhas de Caju, a qual faz parte da Associação Comunitária de Duas Serras, município de Serra Branca/PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Na nossa pesquisa atendemos também a análise de conteúdo na concepção de Bardin (2009, p. 123). Análise esta que “procura trazer ao mundo da pesquisa científica um concreto e operacional método de investigação. Nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo”.

Assim sendo, nossa pesquisa foi executada com a observação direta extensiva, porque as informações foram obtidas através das técnicas de questionário, medidas de opinião e atitudes, análise de conteúdo e história de vida. Tendo em vista que para Cunha (1982, p. 13), “refere-se à técnica que, a partir de uma observação espontânea, são extraídas conclusões utilizando o mínimo de controle na obtenção dos dados observados”. Portanto, observamos e presenciamos – através de pesquisa, participação em reuniões, pesquisa de campo – como funciona a gestão, a cooperação, a autogestão, a solidariedade da associação em questão, a viabilidade econômica e o desenvolvimento local, porém não participamos e nem interferimos nos relatos observados. Fomos apenas assistentes e ouvintes.

Utilizamos a entrevista estruturada, de acordo com Lakatos e Marconi (2001) “consiste em uma conversação com o propósito de obter informações para uma investigação, envolvendo duas ou mais pessoas, onde a informação é obtida de forma direta através do diálogo”. Estruturada, pois as perguntas que direcionamos aos membros entrevistados da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju seguiam um roteiro por nós estabelecidos. Tendo como objetivos de nos informar o que os membros da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju entendiam sobre as características da Economia Solidária, as relações entre Economia Solidária e a Educação de Jovens e adultos, desenvolvimento local e emancipação social.

Relacionado às questões, foram compostas 18 questões. Sendo 10 abertas; 08 fechadas. Todas objetivando relacionar Economia Solidária e EJA, desenvolvimento local e emancipação social.

Na representação dos resultados utilizamos os quadros, os quais conforme com Lakatos e Marconi (2001, p. 238), “são representações geométricas dos dados, evidenciando seus aspectos visuais de forma sintética, clara e objetiva. São empregados para dar destaque a certas relações significativas”. Desta maneira, os quadros foram utilizados para esclarecer as análises obtidas sobre toda a nossa pesquisa.

Tendo como as questões citadas nos quadros: identificar os dados pessoais: nome, idade, naturalidade, sexo, grau de escolaridade, estado civil e profissão. Além de levantar análises sobre a participação dos membros, a gestão da associação; a produção e a venda ocorridas na associação; a distribuição e a aplicação dos bens produzidos; as definições de

autogestão, cooperação, solidariedade, desenvolvimento local emancipação social e as contribuições dos seus graus de escolaridade para assumirem as funções sociais enquanto membros da Unidade de Beneficiamentos de Castanha de Caju e no referente a cidadãos compostos por direitos e deveres na sociedade.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO – UNIDADE BENEFICIADORA DE CASTANHA DE CAJU

Duas Serras é um Sítio localizado no Estado da Paraíba, na Mesorregião da Borborema, na Microrregião do Cariri Ocidental, na direção Noroeste do Município de Serra Branca/PB. Sítio que tem uma população de aproximadamente 400 habitantes. Dessa população formam-se um total de 75 famílias. E desses 400 sítiantes, 117 são associados à Associação Comunitária de Duas Serras.



Figura 1: Mapa da localização de Serra Branca/PB
Fonte: Google

Tal associação existe desde 17 de julho de 1997, mas foi em 2002, que passou a funcionar a Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju – a qual conta atualmente com 21 pessoas sócias.

Faz-se necessário clarificar que na Associação de Duas Serras, pesquisamos somente a “Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju”, tendo em vista que essa associação desenvolve outros projetos sociais a partir de outras unidades lá existentes como: a casa do mel, a casa da apicultura e a casa da avicultura.



Figura 2: Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju
Fonte: Arquivo pessoal

O sítio Duas Serras tem Clima semiárido e um solo muito arenoso. Sua localidade está fixada entre serras, daí o nome Duas Serras. Apesar do distanciamento das cidades caririzeiras, há grandes potenciais para se ter um desenvolvimento local, e, conseqüentemente uma emancipação social daquele povo, dentre as potencialidades locais, os sócios perceberam que naquela comunidade havia uma enorme quantidade de Cajueiros, sendo assim, formaram uma Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju e passaram a produzir mercadorias derivadas dessa matéria-prima.

Os associados conseguiram, através de projetos federais do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA); do Programa de Inclusão do Governo Federal Coordenado pelo Ministério das Comunicações (GESAC); apoios educativos e técnicos das Cópias e Impressões Digitais Ltda. (COPAGEL); da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e dos Projetos de D. Hélder Câmara para a profissionalização e capacitação dos sócios para práticas produtivas na busca de oferecer uma boa qualidade alimentícia que supram as exigências e necessidades atuais de mercado. Tendo em vista que Tiriba (2001) destaca a importância dos trabalhadores associados terem os conhecimentos formais e fundamentais para sua produção:

É indiscutível que os trabalhadores associados na produção precisam dominar as operações básicas para fazer as contas, avaliar qual é a atual situação econômica e projetar as metas de produção e comercialização que garantam a remuneração de seus integrantes e a manutenção da própria unidade econômica. Além de calcular matematicamente, também necessitam de formação política para definir quais os tipos de investimentos que serão necessários para isso (TIRIBA, 2001, p. 91).

Tiriba (2001) nos diz claramente nesta citação que os associados precisam dos conhecimentos acadêmicos básicos para que estas pessoas se sintam “libertas” no seu meio de

produção. Entretanto, no convívio prático com os seus semelhantes, os conhecimentos mais amplos, a partir dos iniciais, serão alcançados. Tiriba (2001, p. 93) nos destaca que: “Sem dúvida, os processos produtivos e, especialmente, as experiências de produção associada constituem-se como uma “escola” de formação de trabalhadores”. Tiriba (2001, p. 93), está esclarecendo-nos que a própria associação proporciona saberes formais aos seus membros, visto que são ensinamentos direcionados por órgãos federais e sistêmicos com a finalidade de formar pessoas conscientes de seus direitos e deveres.

Neste sentido, a Lia Tiriba está fazendo através desta citação, uma ligação pertinente que há entre a concepção de educação das associações e os conceitos de educação presentes na escola. Como também, esclarece que quando alguém é um membro de uma associação, este já recebe uma educação formalizada. Isto porque a própria associação é uma instituição formal, assim como é a escola.

Portanto, a associação a qual neste nosso trabalho é a representante da Economia Solidária está intrinsecamente ligada à educação. Especialmente ligada a Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que os membros participantes desta são todos fora de faixa etária conforme os conceitos do ensino normal: alunos com 15 anos de idade que ainda não concluíram o Ensino Fundamental ou com 18 anos que não concluíram o Ensino Médio, deverão ser matriculados e estudantes da EJA.

De acordo com a LDB 9.394/96, Art. 37. “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou Continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Concluindo o que é proposto neste Curso de Especialização: Procurar sempre relacionar a Economia Solidária com a educação de Jovens e Adultos.

3.3 A UNIDADE DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHAS DE CAJU: SUA HISTÓRIA E SEUS ASSOCIADOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Tudo começou no ano de 2006 quando um engenheiro agrônomo chamado João Barbosa – que na época residia no Sítio Ligeiro de Serra Branca e trabalhava na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) como mobilizador municipal de projetos do referido município. Atualmente é funcionário do Banco do Nordeste – foi a uma reunião comunitária da Associação no Sítio Duas Serras e propôs ao Sr. Manoel Lameu Neto, conhecido em sua comunidade como Ciné, o qual era o presidente da Associação naquela época, a fundação de uma Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju, objetivando o aproveitamento dos cajus e das castanhas que existiam no local. Os associados aceitaram a implantação.

Mais tarde, veio um técnico/consultor do Rio Grande do Norte, o Sr. José Inácio, que enxergou uma grande possibilidade de crescimento na Unidade Beneficiadora e propôs ao Sr. Ciné: “plante mais uma hectare de cajueiro para você tirar uma experiência”. O Sr. Ciné aceitou a proposta e plantou 15 hectares de “mudas” de cajueiros, segundo ele somaram em torno de 500 pés de cajueiros, porque os plantou na medida de 15 X 15 metros.

Daquele momento em diante, a comunidade se fortaleceu cada vez mais, pois já existia um grande potencial dessa matéria-prima (cajus e castanhas) naquela região. Havendo ainda um acréscimo relevante para a estruturação e bom funcionamento da Beneficiadora de Castanhas que foi o aumento dos plantios de cajueiros por parte dos moradores da localidade. Assim nos falou o atual Presidente: “Antes de começarmos, as famílias possuíam três ou quatro cajueiros. Atualmente, a média é de dez pés por propriedade”. Tendo o quilo da castanha vendido por R\$ 16,00 e comercializado em saquinhos de 50g e 500g, nas versões torrada com sal e in natura.

Em 2009, através de uma parceria com a Fundação Elo, a associação conseguiu um capital de giro de R\$ 22 mil para a construção de uma Unidade de Beneficiamento de Castanha de Caju. A unidade era um sonho antigo de todos os associados que perceberam o potencial que a região oferecia, além da amplitude que o projeto poderia alcançar, estimulando produtores da região e gerando emprego na própria região. Além da construção da unidade de beneficiamento e da instalação do maquinário, uma equipe de associados fez intercâmbios e capacitações, através de parcerias com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-PB); com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-PB) e com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Hoje, a associação emprega 21 funcionários e envolve mais de 100 produtores da região, beneficiando cerca de 75 famílias.

Percebemos que durante o período de observação do trabalho daqueles sócios, há para o processamento dos produtos várias etapas. Tais como: o colhimento das castanhas nos cajueiros; separação dessas castanhas para serem assadas; despeliculagem das castanhas; seleção das castanhas de acordo com os quebradilhos; preenchimento produto em saquinhos plásticos para ser posto nos centros comerciais (castanha in natura); castanha achocolatada; castanha caramelizada, castanha doce e castanha salgada), além de fabricação de outros produtos com as castanhas muito quebradas durante a despeliculagem. Tais como: fuba, farinha, cocada, doce, enfim, são feitos 21 comidas utilizando cajus e castanhas.

No decorrer do ciclo da pesquisa, pudemos observar que havia aqueles membros mais comunicativos, críticos e atenciosos. Desta maneira, dos 21 sócios que formam aquela Unidade Beneficiadora de Castanhas, escolhemos 09 representantes: um de cada família (homens e mulheres) para fazerem parte de nossa pesquisa. Deste total há 05 homens e 04 mulheres. Tendo uma renda de R\$ 213,00 por família.

Faz-se necessário esclarecer que entrevistamos o 1º presidente da associação; o atual presidente, o vice-presidente, a tesoureira, o vice-tesoureiro, a secretária, o cozedor das castanhas e duas membros (as quais no próximo capítulo as trataremos de 1ª membro e 2ª membro).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Objetivamos nesta parte do nosso trabalho, analisar os resultados da pesquisa feita na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju, situada no Sítio Duas, município de Serra Branca/PB.

As nossas análises serão feitas em dois momentos: No primeiro faremos as variações descritivas: apresentação do perfil dos participantes da pesquisa (sexo, faixa etária, grau de escolaridade, naturalidade e profissão), como também as variações analíticas: Participação em cursos de formação; o funcionamento da gestão da associação; a produção e a venda dos bens produzidos; a distribuição e a aplicação da renda na associação; definição de autogestão e cooperação na visão dos associados; o desenvolvimento local na visão dos associados; o entendimento de solidariedade enquanto característica da Economia Solidária; contribuições do processo de escolarização para atuar na associação.

Conforme pesquisamos, no total de 21 pessoas que compõem a Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju, a entrevista foi aplicada para 09 pessoas. Destas pessoas 05 são homens (o primeiro Presidente, o atual Presidente, o vice-presidente, o vice tesoureiro e o Cozedor das Castanhas) e 04 são mulheres (a Secretária, a Tesoureira, a 1ª e a 2ª membros), porque escolhemos as pessoas mais assíduas nas reuniões e mais participativas nas discussões. Como também, procuramos conversar com os membros que orientam nas questões burocráticas: Presidente, Vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro e secretário. Embora que no número geral haja 12 mulheres e 09 homens.

Na sequência apresentaremos um quadro representativo da faixa etária dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Faixa etária dos participantes da pesquisa

IDADE	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
Entre 20 e 30 anos	02
Entre 31 e 40 anos	03
Entre 41 e 50 anos	02
Entre 60 e 70 anos	02

Quadro 1: Faixa etária dos participantes da pesquisa

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Neste quadro 1, podemos observar que a média de idade é de 42 anos, assim sendo, dá-nos a entender que as pessoas que compõem esta associação são pessoas que estudaram ou

estudam na Educação de Jovens e Adultos, pois isso é assegurado segundo a LDB nº 9.394/96, no artigo 37.

Em seguida mostraremos o grau de escolaridade dos participantes da pesquisa.

Quadro 2 – Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa

SUJEITOS	GRAU DE ESCOLARIDADE
Atual Presidente da associação	Ensino Médio completo
1º Presidente da associação	5º ano
O vice-presidente	8º ano
A tesoureira	7º ano
Vice-tesoureiro	5º ano
A secretária	7º ano
O cozedor das castanhas	3º ano
1ª membro	5º ano
2ª membro	7º ano

Quadro 2: Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Percebemos que apenas o atual presidente concluiu a Educação Básica (o Ensino Médio); os demais membros não concluíram nem o ensino fundamental. Entretanto, é importante esclarecer: o presidente concluiu na EJA e a tesoureira continua estudando também na EJA. Fazendo-nos entender, que a Unidade de Beneficiamento pesquisada sempre vai ter uma ligação com a educação escolar, porque a faixa etária dos seus membros, leva-os a estudarem na EJA.

No próximo quadro iremos ver a naturalidade dos participantes da pesquisa.

Quadro 3 – A naturalidade dos participantes da pesquisa

QUANTIDADE DE MEMBROS	LUGAR ONDE NASCERAM
08	Serra Branca
01	Sumé

Quadro 3: A naturalidade dos participantes da pesquisa

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Podemos destacar que a nossa pesquisa pode relatar que a enorme maioria dos associados é natural do município de Serra Branca. Dos 21 associados, 19 são de Serra Branca. Destacamos a importância de conhecer sua localidade e as suas potencialidades lá

existentes, pois a enorme maioria dos associados reside no Sítio Duas Serras desde a infância. Na nossa pesquisa somente a 2ª membro é de Sumé.

Em seguida teremos a apresentação das profissões dos participantes da pesquisa. Além de agricultores, assumem outras profissões.

Quadro 4 – As profissões dos participantes da pesquisa

SUJEITOS	AGRICULTOR (A)	APICULTOR	PEDREIRO
Atual Presidente da associação	X	X	
1º Presidente da associação	X	X	
O vice-presidente	X		
A tesoureira	X		
Vice-tesoureiro	X	X	
A secretária	X		
O cozedor das castanhas	X	X	X
1ª membro	X		
2ª membro	X		

Quadro 4: As profissões dos participantes da pesquisa

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Analisamos que os membros participantes da pesquisa são todos agricultores (afinal de contas trabalham na Unidade Beneficiadora), mas também exercem outras funções. O importante é que estas outras atividades, os membros aprenderam a exercê-las fazendo cursos oferecidos pelos programas vindos para a associação (podemos observar a conexão entre a associação – a unidade e os cursos – a educação formalizada). Por outro lado, é mostrada ainda a fragilidade da Economia Solidária, tendo em vista que é necessário os associados terem outras profissões para conseguir sobreviverem financeiramente. A Economia Solidária está aqui, aparecendo como uma atividade complementar.

Em relação ao estado civil dos membros participantes da nossa pesquisa são todos casados. Pressupõe-se que tenham responsabilidades não somente consigo, mas há pessoas que necessitam deles. Geralmente, carecem trabalhar durante o dia e estudar no decorrer na noite. Mais um ponto que leva estes sujeitos a participarem da EJA: só poder estudar à noite e a idade não se adapta ao ensino normal, porque são pessoas que já tem mais de 18 anos de idade e não concluíram ainda o ensino médio.

Apresentaremos a seguir o quadro referente à participação dos sujeitos da pesquisa em cursos de formação.

Quadro 5 – A participação em cursos de formação

SUJEITOS	ASSOCIATIVISMO	COOPERATIVISMO	GESTÃO	HIGIENIZAÇÃO	POLPA DE FRUTAS	ENTENDENDO O OUTRO
1º Presid.	X	X	X	X	X	X
Atual presid.	X	X	X	X	X	X
Secret.	X	X	X	X	X	X
Tesour.	X	X	X	X	X	X
Vice-tes.	X	X	X	X	X	X
Vice-pres.	X	X	X	X	X	X
Coz. De cast.	X	X	X	X	X	X
1ª memb.	X	X	X	X	X	X
2ª memb.	X	X	X	X	X	X

Quadro 5: A participação em cursos de formação

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Todos os membros da Unidade de Beneficiamento de Castanha de Caju do Sítio Duas Serras Localizado em Serra Branca–PB, os quais foram entrevistados, falaram-nos unanimemente que participaram de cursos para fazerem parte formadora dessa citada unidade.

Foram cursos oferecidos pelo Projeto Dom Hélder Câmara, pelo SEBRAE e pela UFCG. Tais como: Curso sobre Associativismo, Cooperativismo, Gestão, Higienização, Polpa de Frutas e Entendendo o Outro, com os objetivos de preparar os sócios para atenderem às demandas exigidas pela atual sociedade (bons produtos e cumprirem adequadamente com as funções cabíveis dentro da Associação).

Diante disso, percebemos que os associados de certa maneira “cedem” às exigências capitalistas, são obrigados a isso: prepararem-se para concorrer com o mercado capitalista. Tendo em vista, que é inegável a necessidade que se tem de conseguir dinheiro, capital, bens para seus próprios sustentos e de seus familiares a partir dos seus trabalhos. Em relação a isto, fala-nos Razeto (1993): “Sabe-se que nenhuma economia se torna solidária apenas porque homens e mulheres se tornam ‘bons’ ou ‘conscientes’, mas fundamentalmente quando o trabalho se torna a categoria que orienta todo o processo de trabalho”. Segundo Razeto (1993), faz-se necessário que busquemos formas mais justas de produções, entretanto é preciso que o trabalho seja a fonte fornecedora e mantenedora dos bens familiares e

financeiros. Seja no modo de produção capitalista ou solidário, o trabalho deve ser sinônimo de mantimento e sobrevivência.

Assim sendo, torna-se notável a importância da educação formal para qualquer tipo de economia, seja capitalista ou solidária, porém o que as diferencia são as formas de ensinamentos. A Economia Solidária valoriza o “ser humano” não somente no campo econômico, mas político, social, cultural e especialmente, o campo ecológico. Enquanto a Economia Capitalista valoriza o “capital”. Na visão da Economia Capitalista os saberes são dominados e repassados com favorecimentos para a classe rica/dominante. Visto que sempre se valoriza a submissão e obediência às autoridades.

Nunca fazendo com que se reflita criticamente.

Enquanto na Economia Solidária os saberes serão adquiridos conforme as necessidades, de acordo com as vivências de cada pessoa, na medida em que se precisa para viver dignamente – respeitando-se e respeitando o próximo, buscando-se um desenvolvimento local e conseqüentemente uma emancipação social. Singer (2005, p.16) diz-nos que “[...] a prática de uma Economia Solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva, pois ela deve ser de todos os que efetuam em conjunto a transição”. Conforme Singer (2005) devem haver novas maneiras de pensar e de agir quanto as formas de produção, pois o sistema capitalista está bastante impregnado em nossa sociedade exigindo-nos assim, termos novas práticas sociais, coletivas e solidárias a fim de buscar uma nova perspectiva econômica baseada na coletividade e no bem comum.

Percebemos assim, a importância dos membros da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras sempre terem participado de cursos antes de ingressarem nas suas funções dentro do associativismo, porque necessitamos carecidamente de uma nova forma de produção e consumo baseada na Economia Solidária. A qual é entendida para a Rede de Cooperação para a Sustentabilidade (CATALISA) como sendo “um conjunto de iniciativas inspiradas por novos valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação de capital.” Entendendo com a CATALISA que a Economia Solidária procura tratar os indivíduos de maneira igualitária em todos os aspectos: sociais, econômicos e políticos. Diferentemente da concepção capitalista que visa o indivíduo como um elemento de produção. Cada um vale o quanto produz.

Em seguida apresentaremos um quadro representativo do funcionamento da gestão da associação, no “olhar” dos participantes da pesquisa.

Quadro 6 – O funcionamento da gestão da associação

SUJEITOS	RUIM	BOA	REGULAR	MUITO BOA
1º Presid.		X		
Atual presid.			X	
Secret.				X
Tesour.				X
Vice-tes.		X		
Vice-pres.				X
Cozed de cast.				X
1ª memb.		X		
2ª memb.				X

Quadro 6: O funcionamento da gestão da associação

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Percebemos que todos os membros da Unidade de Beneficiamento estão satisfeitos com a gestão. Conforme o que pesquisamos quanto à gestão da Associação Comunitária de Duas Serras, em particular da Unidade Beneficiadora de Castanha de Caju, percebemos que aquela gestão assume papéis sociais que atendem a comunidade em várias dimensões: na dimensão social, na dimensão econômica, na dimensão ecológica e na dimensão organizacional e técnica.

Na dimensão social, pois busca atender a sua comunidade/membros da melhor maneira possível – conversando, analisando e escolhendo o bem comum. De certa forma que na fala dos entrevistados isso fica bem claro quando eles nos relatam: “ O Galego batalha muito pra arrumar e trazer as coisas pra gente”. Assim, falou-nos a tesoureira da referida Unidade Beneficiadora.

Na dimensão econômica, porque os bens produzidos por aquela Unidade Beneficiadora de Castanha de Caju traz melhorias, ajudas financeiras para as melhorias de vida da comunidade. Percebemos isto na fala da 1ª membro quando ela nos disse: “Nessa unidade não dar pra gente ganhar muito, mas é uma boa ajuda pra gente comprar outras coisas pra casa”.

Na dimensão ecológica, percebemos que desde o início os sócios tiveram os direcionamentos de preservarem o meio ambiente natural, porque para inicializar a Unidade de Beneficiamento o representante daquele período (Ciné) plantou 15 hectares de Cajueiros, o que segundo o mesmo contaram cerca de 500 pés de cajueiros. Cuidando-se muito bem depois de 11 anos ainda há aproximadamente 360 pés.

Na dimensão organizacional e técnica, tendo em vista que existem vários técnicos pertencentes a órgãos federais, como do MDA, SEBRAE, CUT, dando ensinamentos para o

bom funcionamento de toda esta associação, a fim de que ela continue tendo uma boa prosperidade. O Presidente atual falou-nos que procura “gerenciar através do grupo, da diretoria, porque eu sozinho não faço nada. Eu sozinho não posso determinar nada. Eu tenho muitas sugestões, da mesma forma que a diretoria tem e todos membros associados e a gente junta as idéias até mesmo aceitando a crítica, porque nem toda crítica é destrutiva. Através do grupo, da união a gente faz a força”.

Apresentaremos na seqüência o quadro que representa a produção e a venda dos bens produzidos na Unidade Beneficiadora de Castanhas de Caju.

Quadro 7 – A produção e a venda dos bens produzidos

SUJEITOS	PRODUÇÃO	VENDA
Atual Presidente da associação	Regular	Muito boa
1º Presidente da associação	Boa	Muito boa
O vice-presidente	Regular	Muito boa
A tesoureira	Regular	Muito boa
Vice-tesoureiro	Boa	Muito boa
A secretária	Boa	Muito boa
O cozedor das castanhas	Regular	Muito boa
1º membro	Boa	Muito boa
2º membro	Regular	Muito boa

Quadro 7: A produção e a venda dos bens produzidos

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Percebemos que os membros da associação estão demonstrando uma certa preocupação com a produção dos bens. O motivo é a falta de matéria-prima (cajus e castanhas), devido os períodos de seca.

Segundo os mesmos “a produção vai depender primeiro e principalmente da natureza”. Referindo-se aos maus momentos pelos quais estão passando, porque está faltando a matéria-prima (cajus e castanhas) em consequência dos períodos secos e assim os produtos que estavam estocados já se acabaram. Produção esta, que cada associado “ganha por sua ação, por seu trabalho, não é um emprego, mas é trabalhando por produção”. Como nos disse o atual presidente.

Já o primeiro Presidente nos disse: “A venda é muito boa, o que está atrapalhada é a produção devido os período de estiagem”.

Enquanto o vice-presidente falou: “Apesar de nós termos aumentado a quantidade de pés de cajueiro, assim mesmo a nossa produção teve problema por falta das chuvas, mas a venda é muito boa”.

Para a tesoureira: “Se não fosse a falta de chuvas a gente não tinha nenhum problema, porque a gente só fica parado quando falta o caju e a castanha. Pra vender é muito ligeiro”.

Segundo o vice tesoureiro: “Só estamos meio atrasado na produção, porque as castanha estão pouca, mas os povo procura muito os nosso produto”.

De acordo com a Secretária: “A produção tá comprometida com a falta das castanha, mas pra vender é muito bom. Tem gente que vem buscar até aqui”.

Quanto ao Cozedor das castanhas: “Quando tem castanha, não temo problema com a produção. Cada um sabe o que fazer em sua hora certa. E pra vender... é ligeiro demais.”

Em relação a 1ª membro: “Se a gente tivesse muita castanha para trabalhar siria muito bom, porque pra vender não temo dificuldade nenhuma”.

Finalmente a 2ª membro nos relatou: “Desde o começo os nosso produto não muito comprado. Pena que tá faltando agora as castanha”.

Todos os membros nos relataram que “a demora está na produção, porque não tem problema nenhum na venda. Os produtos são muito procurados”. A solução para resolver o problema da falta da matéria-prima, seria ter um bom “capital de giro”, porque se estocava mais castanhas e nesses momentos difíceis ocasionados pela seca, teria essa matéria-prima em grande quantidade para manter a produção e proporcionalmente, a venda desses bens produzidos.

Esta viabilidade econômica é de enorme importância para a economia, seja ela capitalista ou solidária. Quanto a esta questão se refere Cruz (2004):

A viabilidade econômica – também é consensual que as iniciativas devem viabilizar-se economicamente, garantindo trabalho e renda para seus partícipes, e que isto – por enquanto, pelo menos – se faz em meio às regras do mercado capitalista, inapelavelmente (CRUZ, 2004).

O autor está nos esclarecendo que mesmo fazendo parte de um associativismo, os membros carecem que os seus produtos sejam vendidos, visto que necessitam também, de capital. No caso da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras existe uma boa aceitação dos seus produtos, há uma boa viabilidade econômica para a distribuição das suas mercadorias.

Em relação à distribuição e a aplicação da renda na associação, há uma prática processual na qual quatro passos são sempre seguidos: O primeiro, são as compras das matérias-primas (cajus e castanhas). Especialmente aos agricultores locais, pois além de serem os preferenciais para vender suas castanhas, ainda recebem um preço mais alto para que sejam incentivados a colherem mais destas matérias-primas. O segundo, retiram-se o valor das despesas com a produção. O terceiro passo, é a entrega do ganho para cada membro e o quarto momento é um depósito feito na conta bancária da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju para que o “capital de giro seja alimentado”.

Já a renda “depende do desempenho de cada um. Ganha-se pelo bem produzido. Todos demonstram estar satisfeitos com sua renda”. Desta maneira, nos relatou o Vice-Presidente da Associação.

Compreendemos que os sócios estão se sentindo satisfeitos, por que são tratados na produção de uma forma socialmente justa, dentro de suas necessidades e obtendo uma melhor qualidade de vida dentro de uma globalização mais humanizadora conforme as colocações de Arruda (2001) na qual este mesmo autor relata que a

Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida (ARRUDA, 2001).

Para Arruda (2001) a Economia Solidária é capaz de oferecer aos indivíduos uma vivência no mundo globalizado com melhores condições de vida nos campos: humano, social e sustentável.

No tocante a cooperação na visão dos associados está ocorrendo de forma satisfatória. Já que para o primeiro Presidente: “A união sempre contou muito para a nossa associação. Tá tendo uma boa cooperação até hoje”.

Para o vice-presidente: “Foi com a cooperação entre nós que truxemos as melhores coisas pra Duas Serras (poços, cisternas, orelhão, as unidades beneficiadoras), por isso essa cooperação tem que estar sempre feita”.

Conforme a Tesoureira a cooperação: “É ajudar uns aos outro”.

Segundo o vice-tesoureiro a cooperação: “É ajudar a todos sem má vontade. Quem quer ser ajudado tem que ajudar. Principalmente quando é todo mundo de casa”.

De acordo com a Secretária a cooperação: “É o ponto forte dessa associação. Todos colaboram. Sabem o que tem que fazer na hora certa. Foi assim que conseguimos coisas boa pra nosso sítio”.

Quanto ao Cozedor das castanhas a cooperação: “É o serviço que cada um tem qui fazê para que a nossa associação vá sempre a frente”.

Já para a 1ª membro a cooperação significa: “Cada um não se isquecer das suas atividade, pois se alguém atrasar, toda Unidade de Beneficiamento também vai se prejudicar. A gente é um grupo. Cada um tem qui pensar também no outro”.

Finalmente para a 2ª membro a cooperação é entendida como: “Uma coisa qui não pode faltar. Se não tiver ajuda. Sozinho não pudemos conseguir nada. Nem pra gente, nem pra nosso sítio”.

Percebemos que todos os participantes da pesquisa têm os mesmos conceitos sobre cooperação. Conceito este que vai de encontro ao que diz Rossi (2008):

Tratar de cooperativismo é tratar de cooperação, é tratar da natureza das relações que os homens estabelecem entre si para alcançar um objetivo comum. A idéia de cooperar sugere a noção de auxílio mútuo, união de esforços, o que é um princípio de própria vida em sociedade. Etimologicamente, cooperar vem do latim cooperare de cum opere, significando operar junto com alguém (ROSSI, 2008).

Desta forma percebemos na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju em Duas Serras que cada sócio é consciente de suas atribuições: o horário de seu trabalho, o que deve fazer em cada dia, para que o processo não seja interrompido. Chegando-se até certo ponto de combinarem sobre as funções de cada um deles (os que tem um grau de escolaridade maior deve ser os agentes e representantes da Associação nas questões burocráticas – como Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Vice-Tesoureiro e Secretário). Assim, disse-nos o atual Presidente da associação quando conversávamos durante as entrevistas: “Não aceitamos em nossa associação, qualquer coisa ou qualquer pessoa, queremos coisas que fortaleçam a nossa associação e a união de nossa comunidade, por isso também precisamos de pessoas comprometidas, responsáveis, que saibam dos seus direitos, mas que também cumpram com os seus deveres”.

A visão do associado acima citado, refere-se a que todos da comunidade devem ter união para que resolvam quaisquer problemas que aconteçam em seu meio.

Veremos em seguida o que os sujeitos entendem sobre autogestão.

Quadro 8 – A definição de Autogestão na visão dos associados

SUJEITOS	SINGER (2002)	MOTTA (2001)	MTE (2004)	CATALISA
	“[...] Ela diferencia a ES da EC”	“[...] denuncia as alienações causadas pelo capitalismo”	“Não há ES sem autogestão”.	“É respeitar o ser humano”
1º Presidente			X	
Atual presidente				X
Secretário				
Tesoureiro				X
Cozedor de Cast.				
Vice-presidente				X
Vice-tesoureiro				
1ª membro				
2ª membro				X

Quadro 8: A definição de Autogestão na visão dos associados

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Percebe-se que na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, há uma autogestão, porque o MTE (2004) nos fala que “não existe Economia Solidária sem autogestão”. Mas está um pouco mal entendida nesta Unidade pesquisada.

Analisando assim que já houve mudanças notáveis. Este referido membro (1º presidente) quer nos mostrar que no passado não havia uma verdadeira associação, pois não havia escolhas próprias dos membros, porém, hoje há esta possibilidade de escolha própria dos membros.

Quanto a este desejo de escolhas próprias dos associados, o atual presidente nos relatou: “Não aceitamos de qualquer pessoa, seja Prefeito, Vereador ou técnico que venha até aqui e coloque algum projeto para nós, sem que entendamos, e nos empurre de goela abaixo. Não aceitamos de maneira nenhuma, pois temos vez e voz”.

Fazendo-nos entender que seus desejos e necessidades devem ser respeitados. No entanto, há certos membros, como por exemplos, a secretária, o cozedor de castanhas, o vice-tesoureiro e o 1º membro, que nos disseram durante a entrevista que não tinha autogestão, pois ainda são muito dependentes de outras pessoas e instituições para que aquela Unidade de Beneficiamento funcione.

Concluindo assim, que a autogestão na associação estudada ainda está entendida em partes. Ainda não é a autogestão mencionada por Motta (2001) e por Singer (2002). Capaz de

se diferenciar totalmente do sistema capitalista e ainda alertar, denunciar às pessoas quanto aos disfarces capitalistas existentes em nosso meio.

Veremos a seguir o quadro que demonstra o conceito de desenvolvimento local entendido e praticado pelos associados da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras.

Quadro 9 – O desenvolvimento local na visão dos associados

SUJEITOS	COELHO DA SILVA E FERNANDES DA COSTA (2006)	FRANCO (2001)
	“O desenvolvimento pode ocorrer em partes...”	“O desenvolvimento deve ser capaz de viver com ou junto a globalização e não ser esmagado”.
1º Presidente	X	
Atual presidente	X	
Secretário	X	
Tesoureiro	X	
Cozedor de Cast.	X	
Vice-presidente	X	
Vice-tesoureiro	X	
1ª membro	X	
2ª membro	X	

Quadro 9: O desenvolvimento local na visão dos associados

Fonte: Dados coletados na Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras, Serra Branca-PB

Percebemos com a configuração deste quadro 9 que os membros da Unidade estudada estão se desenvolvendo, mas apenas nos aspectos particulares (desenvolvimento humano) e no sentido de grupo (desenvolvimento social), no entanto não está se desenvolvendo no sentido sustentável.

Podemos dizer que de acordo com Silva e Costa (2006), para que o desenvolvimento local ocorra de fato, por completo é necessário atender estes três aspectos: humano, social e sustentável.

No entanto, compreendemos durante em todos os momentos que as pessoas as quais fazem parte daquela localidade pesquisada, não tinham vergonha de expor suas idéias. Percebemos nas falas de cada um que o principal desenvolvimento foi “a mudança de atitude de cada membro”.

A partir do momento que mudaram suas ações, práticas e reivindicações, passaram a ter respeito e crédito não somente dos seus vizinhos, mas das comunidades em gerais, passaram a conseguir bens materiais para sua comunidade: poços tubulares, cisternas, barragem subterrânea, orelhão... A secretária nos disse: “Eu era muito tímida. Tinha muita vergonha de falar. Hoje eu sei dizer o que quero e que penso. Às vezes até com palavras erradas mais falo”.

O Presidente atual nos relatou: “Antes agente era muito atrasado não tínhamos vez nem voz os políticos faziam da gente um curral eleitoral. Hoje os políticos até ficam chateados, pois não aceitamos direcionamentos deles. A vez e a voz são dos associados”.

O Cozedor das castanhas no momento da entrevista nos disse: “Não sei falar muito bem, mas garanto falar o que sei e a verdade. Notamos claramente que os membros dessa Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju de Duas Serras praticam e estão se desenvolvendo conforme o que dizem Coelho da Silva e Fernandes da Costa (2006) sobre o que vem ser o desenvolvimento:

Às melhorias de vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável). Ou seja, é a melhoria de todas as instâncias de uma sociedade: economia, saúde, educação, habitação, etc (COSTA, 2006).

Certamente estes associados estão tendo as bases para um concreto desenvolvimento humano – as quais centram-se na mudança de atitude; refletir sobre suas práticas como cidadão; falar a verdade, pois ela representa o fato, a ocorrência – percebemos que assim agindo, desenvolver-se-ão humanamente, no social, e conseqüentemente, de forma sustentável, porque o desenvolvimento deve ser conhecido, entendido, compreendido, analisado, aprendido e praticado de dentro para fora (de “você para o social”).

É fundamental que o desenvolvimento venha a acontecer de forma humana, social e sustentável, porque uma vez este desenvolvimento não ocorrendo conforme as capacidades, as carências e possibilidades locais, o local pode se tornar vítima do global. Assim nos esclarece Franco (2001, p. 25-26).

Quanto à solidariedade na visão dos associados participantes da pesquisa as suas concepções apresentadas foram as seguintes:

Para o primeiro Presidente da associação: “É uma coisa muito boa e muito importante. A solidariedade tá indo bem na associação. As pessoa tão cooperando muito bem”.

O atual Presidente disse: “Para mim solidariedade é ajudar o outro o quanto você puder e respeitar a todo mundo”.

Enquanto o vice-presidente falou: ”A solidariedade tá boa. Aqui a gente se ajuda e tudo se discute para conseguir coisas boa pra todo mundo”.

Conforme a tesoureira a solidariedade: “É ajudar os outro, né? Num pensar só na pessoa”.

De acordo com o vice-tesoureiro é “ser solidários uns aos outros. Sempre que houver uma oportunidade procurar as pessoa que se interesse, que lute e ajude a gente aqui dentro da associação a crescer todo mundo”.

Já para a Secretária é “ajudar um ao outro para todo mundo sair ganhano. Até as pessoas que compra nossos produto nos ajuda e a gente ajuda eles também, porque eles também precisam dos nosso produto”.

O Cozedor das Castanhas disse: “É em primeiro lugar se ajudar e depois se respeitar. Assim as coisa vai pra frente”.

De acordo com 2ª membro: “A solidariedade é ajudar um ao outro. Aqui pra gente funciona assim”.

Observamos que a solidariedade é entendida em dois aspectos pelos sócios da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju.

Primeiro no sentido “de prestar ajuda, levando em consideração que todos se unem por um objetivo comum: o desenvolvimento da unidade beneficiadora.

No segundo sentido, percebemos o que é defendido pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, onde este órgão federal declara que a solidariedade deve ir além “do sentido de ajudar”. Devendo ser justa na distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Percebemos que a Unidade de Beneficiamento atende a estas demandas relacionadas pelo MTE (2001), porque há uma justa distribuição dos resultados alcançados, já que os lucros e conquistas são usufruídos por todos os sócios mediante suas ações trabalhistas; em relação às oportunidades de desenvolvimento de conhecimentos também está ao alcance de todos os sócios, visto que todos podem participar de diversos cursos oferecidos na associação

por técnicos dos órgãos federais. Cursos estes que possibilitarão o desenvolvimento dos sócios nos sentidos humanos, social e sustentável; Enquanto produtores, estes associados também estão preocupados com o bem estar dos consumidores, visto que a 1ª membro nos falou: “Temos que estar sempre aprendendo alguma coisa nova para agradar os nossos freguês”.

Assim sendo, notamos que a solidariedade já é entendida de maneira diferente pelos sócios da Unidade de Beneficiamento estudada. Certamente, este sentido diferente que se tem sobre solidariedade naquela localidade, oportunizará um crescimento constante dos associados e da comunidade geral na busca de uma emancipação social.

Quanto às importâncias das contribuições do processo de escolarização para a vida dos associados nos relataram o seguinte:

O primeiro Presidente falou-nos: “A escola sempre é muito importante para qualquer pessoa e para mim também foi. No meu tempo era muito difícil estudar, mas meu pai mim colocou na escola e eu agradeço muito a ele ainda hoje”.

O Cozedor de castanhas disse: “Sei ler e escrever muito pouco, mais o pouco que sei mim ajuda muito. Muita coisa que a gente vai fazer hoje precisa da leitura, né?”

O vice-presidente assim relatou: “Estudar é muito importante. É muito triste a pessoa não saber ler, escrever e contar. Fazer conta também é bom, nós precisamos também da Matemática”.

A Secretária falou: “Tudo o que eu aprendi na escola até hoje mim serve muito, porque às vez preciso ler e escrever alguma coisa e eu mesmo faço. Não preciso tá pidindo a ninguém”.

O vice-tesoureiro falou-nos: “A escola é muito importante. A escola dá para nós boas idéias para toda nossa vida, inclusive para o nosso trabalho. Aqui mesmo na associação precisamos de vez enquanto tá lendo alguma coisa.”

A 1ª membro disse: “É muito importante e bom estudar. Se eu tivesse mais tempo eu estudava, mais quando a gente casa tem outras responsabilidades. O pouco que eu aprendi na escola mim ajuda muito no meu trabalho aqui na associação”.

A 2ª membro relatou-nos: “Se não fosse a escola, não seria possível nem a gente fazer alguns produtos que fazemos aqui na nossa unidade, porque até algumas receitas foram dadas pra gente por professores que vem nos dar alguns cursos aqui”.

Percebemos claramente nas falas dos associados. A fundamental importância, relatada por todos membros, que tem e que é dada à educação formal pelos membros da Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju do Sítio Duas Serras. Sendo oportuno até enfatizar que

a grande maioria dos sócios foram “alfabetizados” na Educação de Jovens e Adultos. Por exemplo: o atual Presidente da associação concluiu o ensino médio na EJA e nos relatou:

Já aprendi muito com os técnicos, aqui e com os intercâmbios que fizemos, mas tirei minhas dúvidas mesmo, com meus professores. Não tenho vergonha de conversar com nenhum outro sábio. Os meus conhecimentos escolares me servem principalmente para que eu seja crítico e reflexivo e não caia na 'malha desses espertalhões'. Não é qualquer técnico, prefeito ou vereador que vai empurrar um projeto de goela abaixo, temos saberes de entender o que é melhor para nossa realidade.

Outro exemplo é a tesoureira que continua estudando na EJA e também nos disse: “Se a gente não soubesse ler e escrever, por pouco que seja, a gente teria dificuldade de ver até uma receita para fazer os produtos. Como seria ruim pra gente. Pedir para outra pessoa ler”.

Desta forma, podemos observar a importância que se tem a Educação de Jovens e Adultos na concepção freiriana, no que se refere a importância do ato de ler, pois Freire destaca que a leitura de mundo, aquela que temos enquanto pessoas, seres sociais que somos, precede, isto é, vem antes, adquirimos antes da leitura das palavras, por isso essa leitura de mundo deve ser tão valorizada, em especial, se tratando de Jovens e Adultos, devido já possuírem uma “carga maior de experiências”, porque já são pessoas que tem seus objetivos de vida mais planejados e buscam na escola uma ajuda para concretizá-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os comentários e opiniões descritos neste trabalho, fica claro que a características da Economia Solidária na localidade de Duas Serras, assim tem funcionado: há uma cooperação correta; um avanço perceptível na autogestão, uma boa solidariedade e uma favorável viabilidade econômica. Percebendo desta forma que já acontece naquela comunidade, um desenvolvimento local nos aspectos humano e social. Progredindo-se na busca da emancipação social (uma comunidade com seus desejos, necessidades e potencialidades respeitados).

Concluimos que um trabalho como este é de suma importância para verificarmos e ao mesmo tempo, comprovarmos, que um novo modelo de economia pode e deve ser implementado. Tendo em vista que nossas localidades caririzeiras são dotadas de características que podem trazer desenvolvimentos locais e emancipação social desta gente. Na maioria das vezes o que falta é um incentivo e direcionamentos por parte daqueles que detém o conhecimento. Assim, os empreendimentos coletivos são a saída para que a opressão dessa gente transforme-se em igualdade, se não para todos, mas para a grandíssima maioria. Já que para Castel (2008, p. 540): “Não se trata mais de tentar reduzir as desigualdades, mas de deixar o máximo de margem ao mercado, controlando apenas as conseqüências mais extremas do Liberalismo.” Devemos aprender com este autor que o grande desafio é conseguir um modelo de produção que respeite os indivíduos o máximo possível. Buscando sempre colocar as pessoas dentro de um mercado justo de trabalho.

Notadamente as práticas associativistas na Associação Comunitária de Duas Serras – Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju, estão sendo muito bem exercidas, pois a comunidade é composta por aproximadamente 400 pessoas. Destas, 117 compõem a associação; e dos 117 que são membros, 21 formam a Unidade de Beneficiamento de Castanhas de Caju, demonstrando assim, que há uma adesão voluntária e livre; Todos os sócios cumprem com seus deveres e reconhecem seus direitos, onde as tomadas de decisões são resolvidas nas reuniões mensais com os comentários de todos ali presentes, desta forma existe uma gestão democrática; Todos os sócio devem pagar mensalmente a quantia de R\$ 2,00 reais para despesas relacionadas a eletricidade e possíveis gastos. Havendo assim, uma participação econômica; Tem autonomia e independência, porque as ajudas que existem na associação são mútuas e conseguidas entre os sócios. Mesmo quando recebem ajudas financeiras de governos, devem ser administradas ao entendimento de todos.

Os sócios têm uma educação e formação, pois além dos seus conhecimentos de mundo, há ensinamentos acadêmicos trazidos até a comunidade oferecidos pelo governo federal: Professores de EJA para ensinar de acordo com o sistema educacional D. Hélder; Computadores e profissionais de ensino pelo programa de inclusão digital (GESAC) e profissionais técnicos para auxiliar na produção dos alimentos fornecidos pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Percebemos com esta pesquisa que há uma boa interação na Associação Comunitária do Sítio Duas Serras, pois todos buscam se desenvolver localmente a fim de terem melhores condições para manter seus familiares, estruturar-se e planejar melhores dias para as gerações futuras (desenvolvimento sustentável), as quais dependem do que seja promovido pelas pessoas de hoje, demonstrando, portanto que se preocupam com os interesses da comunidade.

Entende-se que é necessário pensarmos em novas práticas que contemplem não somente os objetivos econômicos, todavia se pense em algo duradouro para os seres futuros. Para tanto, devemos sempre agir-refletir-agir quanto às nossas práticas de produção.

Portanto, por tudo que foi abordado, entendemos que uma nova concepção de Economia, chamada Economia Solidária, é possível e de necessária existência a fim de termos um planeta Terra mais saudável e, proporcionalmente, uma sociedade menos desigual, com menos misérias e os seres humanos compreendendo que “o mundo não é só capitalismo” como diz um dos maiores defensores da Economia Solidária Paul Singer. Compreendendo desta maneira, que a Economia Solidária deve ser compreendida como um projeto idealizador para se buscar uma sociedade mais igualitária, porque objetiva a inclusão das pessoas que estão à margem das propostas capitalistas.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Telmo. Modelos alternativos de cooperação: um meio de transformação pela solidariedade. **Perspectiva Econômica**. São Leopoldo: EDUNISUL, v. 24, n. 67, p. 5 - 40, out./nov., 1989 (Série Cooperativismo; 27).
- ARRUDA, Marcos. **Economia Solidária: fundamento de uma globalização humanizadora**. Rio de Janeiro: PACS e Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária, 2001.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. In: FARAGO, Cátia Cilene; FOFONCA, Eduardo. **A Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações**. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>>. Acesso em 18 out. 2013.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 18 set. 2013.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Autogestão e Economia Solidária: uma nova metodologia**. São Paulo: ANTEAG, 2005.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e emprego. **Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária**. Brasília: SENAES/TEM, 2004 (mimeo).
- CATTANI, Antonio David. **Trabalho e autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CATALISA. Rede de Cooperação para Sustentabilidade. **Economia Solidária: a cooperação nas relações de trabalho**. Disponível em: <<http://catalisa.org.br/textoteca/34-economia-solida>>. Acesso em: 18 out. 2013.
- CUNHA, M. B. da. Metodologias para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **Revista da Biblioteconomia de Brasília**, v.10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982.
- CRUZ, Antônio C. Martins da. É caminhando que se faz o caminho. **CAYAPA Revista Venezuelana de Economia Social**, ano 4, n. 8, dez. 2004.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).
- FÓRUM NACIONAL DA REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL, 1., 2006, Salvador. SILVA, Luiz Antônio Coelho da; COSTA, Roberlúcio Fernandes da. Breves comentários sobre o desenvolvimento local e a Economia Solidária: um estudo do Projeto Mandalla em Cuité Paraíba. In: SILVEIRA, Caio. **Conexões entre Desenvolvimento Local, Economia Solidária e Tecnologia Social**. Salvador, 2006.

FRANCO, Augusto de. **Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 4 ed. Brasília: Instituto de Política, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de tecnologia científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTAR, Hélio. **O meu, o seu, o nosso mundo**. *Revista Desafios do Desenvolvimento*, ano 5, edição 39, Brasília, 2008.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. **Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

NUÑEZ, Orlando. Os caminhos da revolução e a economia solidária. *Proposta*, n. 75, p. 48 - 58, 1997.

PEREIRA, Maria Isabel. **Cooperativa de trabalho: impacto no Setor de Serviços**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RAZETO, Luiz. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M.; GUTIÉRREZ, F. (Org.). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 34 - 58.

ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. **Cooperativismo: a luz dos Princípios Constitucionais**. Curitiba: Juruá Editora, 2008.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas. Unidade de Capacitação Empresarial: UCE. **Associação: Série Empreendimentos Coletivos**. Brasília, 2009.

SEBRAE – Portal do Desenvolvimento Territorial. **Território Competitivo, melhores negócios**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/customizado/desenvolvimento-territorial>>. Acesso em 20 ago. 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Abramo, 2002.

_____. **Economia Solidária é o caminho no combate à Pobreza**. Disponível em: <www.vermelho.org.br/tvvermelho/noticia.php?id_noticia...id...26/04/2013>. Acesso em 17 jul. 2013.

_____. A Economia Solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sônia (Org.). **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: INEP, 2005.

THIOLLENT, Michel. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 151 – 165.

TIRIBA, Lia. **Economia popular e cultura do trabalho**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

**APÊNDICE A - ENTREVISTA DIRIGIDA AOS ASSOCIADOS DA UNIDADE
BENEFICIADORA DE CASTANHA DE CAJU**

I – PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA:

Nome:

Sexo: () masculino () feminino

Idade:

Grau de escolaridade:

Naturalidade:

Profissão:

Estado civil:

Grau de escolaridade:

**II – QUESTÕES RELACIONADA ÀS CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA PRESENTES NA UNIDADE BENEFICIADORA DE CASTANHAS DE
CAJU DE DUAS SERRAS.**

- 1). Você participa enquanto associado (a) em cursos de formação/ qualificação para o trabalho? Quais são os cursos?
- 2). Como funciona a gestão da associação? Explique.
- 3). Como funciona a produção e venda do bem produzido pela associação? Explique.
- 4). Como é distribuída e aplicada a renda na produção?
- 5). Como é a viabilidade econômica dos produtos desta associação?
- 6). O que você entende por autogestão?
- 7). O que você entende por Cooperação?
- 8). O que você entende por desenvolvimento local?
- 09). Para você o que é solidariedade quando se trata de trabalho na associação?
- 10). Na sua opinião, quais as contribuições que o processo de escolarização trouxe para a aplicação de seu trabalho na associação?

APÊNDICE B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: As características da Economia Solidária na associação de produtores de Castanhas de Caju em Serra Branca/PB.

Pesquisador responsável: Antemildo Gregório de Souza

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Campina Grande/Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano

Telefone para contato: (83) 9996-8071

Local da coleta de dados: Associação Comunitária do Sítio Duas Serras município de Serra Branca/PB.

O pesquisador do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos cujos dados serão coletados através de entrevistas gravadas e aplicação de questionário. Concorde, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto e posteriores publicações acadêmicas. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas sob a responsabilidade do pesquisador Antemildo Gregório de Souza.

UFCG-BIBLIOTECA

Sumé, 14 de setembro de 2013

Pesquisador responsável

CPF: _____ - _____

Participante/colaborador da pesquisa

CPF: _____ - _____